

A ESCULTORA MARIA MARTINS ESTÁ TENDO UM MEREcido DESTAQUE: ganhou um bellissimo livro da jornalista Graça Ramos, além de ser objeto de um projeto em desenvolvimento da editora Cosac Naify, de São Paulo, dedicada às artes. Além destas duas publicações, em 2009, obras da brasileira e do artista francês Marcel Duchamp, contemporâneo e amigo da escultora, vão ser o pano de fundo de uma ópera, no Canadá, no próximo ano.

Ainda que tardia, trata-se de uma justíssima homenagem à Maria Martins, que praticamente percorreu o circuito de arte brasileira sem o devido reconhecimento, e viu seu nome citado mais por sua agitada vida pessoal do que por sua arte.

Os livros e a ópera resgatarão, de uma vez por todas, a importante obra da escultora que, na realidade, começou a ser reavaliada em 1997, em uma retrospectiva realizada em São Paulo. Foi a partir dali que a jornalista Graça Ramos começou a se interessar pela artista, incentivada pelo então deputado Bocayuva Cunha, seu tio.

Baseado na tese de doutorado de Graça Ramos em História de Arte na Universidade de Barcelona, defendida em 2003, sobre a obra de Maria Martins, o livro, que tem o subtítulo de "A Escultora do Trópicos", foi lançado recentemente pela Artviva, editora carioca, em edição bilíngue de três mil exemplares, com 150 imagens e prefácio do crítico de arte Paulo Herkenhoff.

por Orlando Santos

Uma obra reveladora

Maria Martins, a Escultora
dos Trópicos



Herkenhoff ressalta que o livro mostra que a escultora foi o primeiro artista moderno a se integrar, de fato, no ambiente internacional, mais além da relação de estudante brasileira com professores ou colegas estrangeiros nas escolas livres da Europa e dos Estados Unidos.

A artista viajou pelo mundo acompanhando o marido, o diplomata Carlos Martins, passando por países como França, Japão, Equador, Bélgica e Estados Unidos. Segundo o crítico, até Maria, ninguém aqui dos Trópicos havia tido relações tão próximas, como protagonista de proa da modernidade, de artistas como Marcel Duchamp, Jacques Lipchitz, André Breton, Piet Mondrian, Michel Tapié, e muitos outros.

Um dos primeiros galeristas a expor Maria Martins e o maior colecionador de suas obras (12 ao todo), Jean Boghici fala com entusiasmo da artista, lembrando que o reconhecimento de sua obra se deu com a premiação de melhor artista na Bienal de São Paulo de 1955. Simultaneamente, surgiu o convite de Oscar Niemeyer para que ela criasse três esculturas em bronze, hoje expostas nos palácios do Itamaraty (duas) e da Alvorada.

O livro-catálogo da exposição de Maria Martins na galeria Jean Boghici, em 1997, foi um projeto editorial do próprio Jean, com a assessoria gráfica da Benicio Biz Editores. E se constitui hoje em uma referência para quem quiser se aprofundar na obra da escultora mineira que faleceu em seu apartamento da Praia do Flamengo, no Rio, aos 78 anos, depois de ter influenciado nomes consagrados da arte mundial de seu tempo.

A descoberta da escultura

Maria de Lourdes Alves nasceu em 1894, na cidade de Campanha, Minas Gerais, e foi estudar em Petrópolis, no Colégio Sion, para onde iam as moças de boa família da época. De lá, saíam falando fluentemente francês, depois de ter aprendido uma arte que 'elevasse' o espírito. Maria escolheu a música – estudou piano, mas depois optou pela pintura.

O malogro de seu primeiro casamento com o historiador Otávio Tarquínio de Souza a levou a Paris, onde seu pai, João Luiz Alves, que fora ministro da Justiça e do Supremo Tribunal Federal no governo de Athur Bernardes, estava em tratamento de saúde. Foi quando conheceu e se casou com o diplomata brasileiro Carlos Martins

Fotos: Divulgação



Maria Martins – escultora dos trópicos

Graça Ramos, Artviva Editora – Fax: (21) 2294-8208
31 cm x 23 cm, 290 páginas, couchê mate 150g

Pereira e Souza, com quem viajou e passou a maior parte de uma vida quase toda vivida no exterior.

Em entrevista a Clarice Lispector, na revista *Manchete*, em 1968, Maria revela que um dia teve vontade de talhar madeira e vira dali sair o objeto que queria... decidiu entregar-se à escultura. Montou um ateliê em Nova York, período em que sua arte mudou de modo dramático. Esculturas com formas orgânicas, contorcidas, sensuais, que evocam culturas arcaicas, inspiradas em lendas e na natureza amazônica, chamaram a atenção dos surrealistas – Max Ernst, Yves Tanguy, André Masson e Roberto Matta –, liderados por Breton, que a convidaram para participar do movimento.

Estes artistas, aos quais se juntaram Duchamp, Mondrian, Léger, Chagall, entre outros, transformaram a cidade americana em um *bunker* da arte moderna, tão detestada pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial. Eles contribuíram para o desenvolvimento da arte norte-americana e espriaram sua influência pelo mundo a partir dos anos 1950.



Da esquerda para direita: Kay Sage, Yves Tanguy, MARIA MARTINS e Marcel Duchamp; embaixo: Lillian e Frederick Kiesler, em frente à casa de Kay Sage em Woodbury, Connecticut.

Foto: Philadelphia Museum of Art, col. Mme Maree Duchamp.

Do livro *Duchamp: A Biography* de Calvin Tomkins.

Ela criou também joias inspiradas nas formas da fauna e flora tropicais que fizeram sensação quando

publicadas na revista *Vogue* em 1944, emoldurando seu rosto numa dupla exposição, montagem sugerida talvez por Marcel Duchamp.

De André Breton obteve o mais belo texto para sua exposição, na Valentine Gallery (NY), em 1947. No ano seguinte, na Galeria René Drouin, em Paris, o catálogo ganhou também texto de Michel Tapié. A brasileira ainda participou da grande exposição do grupo surrealista, em 1947, na Galeria Maeght, por Breton, que desde 38 não se apresentava em Paris. ■

Não foi somente como escultora, cujas obras passou a assinar com seu primeiro nome, que Maria ficou conhecida na movimentada vida artística nova-iorquina: foi também uma colecionadora de olhos de lince, pois soube compreender a genialidade de uma obra tão distinta da sua, adquirindo um quadro de Mondrian. Aliás, a doação dessa importante obra, um dos primeiros Mondrian a entrar na coleção do Museu de Arte Moderna de Nova York, fez com que o nome de Maria fosse incluído entre seus beneméritos.

“O astro que sobe

QUANDO VOLTOU AO BRASIL, as cartas do jogo do prestígio nacional nas artes plásticas já estavam marcadas. Além da passagem meteórica de Cícero Dias e o esquecimento total em que mergulhou, por décadas, a extraordinária obra de Ismael Nery, o surrealismo teve poucos adeptos entre nós.

No seu apartamento na Praia do Flamengo, verdadeiro museu com obras de Duchamp, Magritte, Matta, Léger, Picasso, e suas próprias esculturas, Maria recebia pintores, críticos, colecionadores e todos que se interessavam por arte.

Maria participava dos grandes debates da vida artística nacional, criando novas esculturas. Mas foi preterida por Bruno Giorgi para prêmio de melhor escultora nacional na prestigiosa II Bienal. Nos anos sessenta, frequentou a minha antiga Galeria Relevo, adquirindo trabalhos de novos pintores brasileiros e estrangeiros. Quando morreu (1973), aos 78 anos, seu corpo foi velado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, o qual ajudou a construir.

Após sua morte, começa o tardio reconhecimento. Em 1997 foi organizada a primeira exposição dela, depois de um eclipse de quase 50 anos. Outras exposições se seguiram em cidades como São Paulo, Nova Iorque, Paris e Barcelona. A BBC de Londres lhe dedica um documentário e vários livros são publicados. Roberta Smith, do *New York Times* comentou: ‘Valeu a pena esperar, Maria é uma escultora de primeira grandeza e que ocupou seu lugar na história da arte’.

A sua extraordinária vida, sua convivência com os maiores criadores da arte do nosso século, sua lendária relação com Duchamp (que fez dela sua musa e modelo em várias obras – *Paysage fautif*, de 1946, e *Étant donnés: Maria, La Chute d'eau et le gaz d'éclairage*, de 1947), acendem a imaginação de críticos e historiadores de arte e daria um verdadeiro romance.

E nessa demorada espera, do enlace de sua vida com sua obra, nasce o mito, o mais novo *cult* da arte brasileira. Breton tinha razão: ‘... neste astro que sobe se inscreve, entre todos, o nome de Maria’.

Jean Boghici

Rio de Janeiro, agosto de 2009